

“Expedição Rio Belém”: notas de um percurso educomunicacional ¹

Amábili Gabrielli Gomes²
Ana Carolina Paulino da Silva de Oliveira³
Ana Priscilla Farias da Costa⁴
Evelin Vitória de Freitas Silva⁵
Maria Fernanda Costa da Silva⁶
João Pedro Mello Bragança⁷
Valentina Copack Muniz⁸
José Carlos Fernandes⁹
Gabriel Alexandre Bozza¹⁰
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

O trabalho apresenta a “Expedição Rio Belém”, realizada com alunos da Escola Manoel Ribas, localizada na Vila Torres, em Curitiba. A iniciativa surgiu a partir da inquietação de um estudante sobre o rio que atravessa a comunidade. Em parceria com o Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP), programa de extensão da Universidade Federal do Paraná (UFPR), foi organizada uma expedição ao longo de seu percurso. A proposta foi mostrar que o Rio Belém não nasce poluído, mas se degrada ao longo de seu percurso. A experiência ampliou o olhar sobre questões ambientais e sociais do território dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE

Expedição; Vila Torres; Rio Belém; Alunos.

INTRODUÇÃO

O Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP) é um programa de extensão da Universidade Federal do Paraná (UFPR), criado em 2003, que reúne

¹ Exemplo: Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2026.

² Estudante do 5º período do curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: amabiligomes@ufpr.br

³ Estudante do 3º período do curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: oliveiracarolina@ufpr.br

⁴ Estudante do 3º período do curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: costaprisquilla@ufpr.br

⁵ Estudante do 3º período do curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: evelinvitoriadefreitassilva@gmail.com

⁶ Estudante do 3º período do curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: silvamarina@ufpr.br

⁷ Estudante do 5º período do curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: joao.mello@ufpr.br

⁸ Estudante do 5º período do curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: valentinacopack@ufpr.br

⁹ Professor do Departamento de Comunicação da UFPR, e-mail: zeca@ufpr.br

¹⁰ Orientador. Professor do Departamento de Comunicação da UFPR, e-mail: gabrielbozza@ufpr.br

estudantes dos cursos de Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda. Com mais de dez projetos em andamento, o Núcleo desenvolve ações voltadas a diferentes públicos e comunidades. Uma dessas atuações acontece na Vila Torres, comunidade localizada próxima ao centro de Curitiba e marcada pela presença do Rio Belém, que atravessa o território e compõe sua paisagem e história. A parceria teve início em 2019, a partir de um convite da ONG Passos da Criança, situada dentro da própria comunidade.

Em 2024, os extensionistas, em contato direto com a comunidade, reformularam o site “Museu da Periferia”, criado em anos anteriores. A nova versão foi construída a partir de relatos, documentos e memórias, com o objetivo de preservar e valorizar a história local. Com a intenção de ampliar o alcance da plataforma e apresentá-la aos moradores, em 2025 teve início um novo processo de aproximação. Nesse contexto, foi estabelecido o contato com o Colégio Estadual Manoel Ribas, também localizado na Vila Torres, e a partir dali nasceu o projeto “Expedição Rio Belém”.

TERRITÓRIO: HISTÓRIA, ESPAÇO E VIVÊNCIA

A Vila Torres é a comunidade favelizada mais antiga de Curitiba e uma das mais próximas da região central e de bairros de classe alta. Estima-se que tenha cerca de 6,5 mil moradores, com 75% de sua área já regularizada. Sua formação remonta à década de 1950, intensificada após a geada negra de 1975, que levou trabalhadores do interior a migrarem para Curitiba. Sem acesso à moradia, esses grupos ocuparam áreas às margens do Rio Belém, dando origem à Vila Torres.

O Rio Belém corta a comunidade da Vila Torres e atravessa, de norte a sul, 36 bairros de Curitiba ao longo de seus 21,4 quilômetros. Embora tenha sua nascente em bom estado, com água limpa e presença de vida, o rio sofre transformações ao longo do percurso, especialmente ao passar por áreas urbanizadas, onde foi canalizado para dar lugar a ruas e construções. É nesse trajeto que se evidenciam os problemas de saneamento básico (Bollmann; Edwiges, 2008). Ao chegar à Vila Torres, o rio já se apresenta sem vida, com forte odor e carregado de resíduos.

O Colégio Estadual Manoel Ribas, localizado na Vila Torres, atende crianças e jovens da comunidade e de regiões próximas. Em uma das visitas do NCEP ao “Ribas”,

para apresentar o projeto “Museu da Periferia Vila Torres”, um dos estudantes fez um questionamento: “O Rio Belém nasce limpo? Por que chega sujo aqui na Vila?”. Escondidas por trás dessas perguntas, tantas outras: para quem é feita a cidade? Por que aquela sujeira toda – que não é gerada pelos moradores da Vila – fica sob responsabilidade justo do grupo que cuida das sobras da capital? É possível um rio inteiro ser despoluído?

Assim, os extensionistas começaram a planejar uma expedição que levaria aqueles jovens a conhecerem a origem do rio. O programa realizou pesquisas prévias para a execução do projeto. Inicialmente, investigou-se a importância da atividade para crianças de um bairro periférico (Santos, 2011). Em seguida, foram levantadas informações sobre a história e a geografia do Rio Belém, além do estudo do percurso, para que os extensionistas pudessem conduzir a expedição e esclarecer dúvidas dos alunos.

No dia 22 de agosto de 2025, a equipe fez o reconhecimento do trajeto e produziu um vídeo-convite para os estudantes do Colégio Manoel Ribas, exibido na semana anterior à atividade. A expedição foi realizada em 19 de setembro, com trajeto definido previamente e apoio de um infográfico entregue aos alunos como guia durante o percurso.

ESCUA ATIVA E HISTÓRIA ORAL NA PRODUÇÃO DE SABERES

A escuta ativa, entendida como a capacidade de ouvir e compreender não apenas a mensagem, mas também as emoções do interlocutor, contribui para tornar o diálogo mais participativo e valorizar o que é dito. No contexto escolar, porém, crianças e adolescentes ainda são frequentemente colocados em posição de subordinação. Conforme aponta Santos (2013, p. 21), “as pedagogias transmissíveis têm vindo a ser postas de parte e tomadas como ‘retas’, pois tomam a criança como um ser passivo, que se limita a ouvir e assimilar”.

Em contraposição, a pedagogia da participação valoriza a escuta ativa como parte fundamental da construção do conhecimento, reconhecendo o estudante como sujeito ativo no processo educativo (Santos, 2013). Essa perspectiva pode ser observada na experiência do Colégio Estadual Manoel Ribas, onde, a partir da pergunta de um

aluno, foi possível desenvolver um processo coletivo de aprendizagem, promovendo a produção de conhecimento sobre o próprio território.

No dia da expedição, o processo teve início com o encontro entre os extensionistas e os alunos do Manoel Ribas, acompanhados pelo professor de Língua Portuguesa Davi Brito. O primeiro ponto visitado foi o Parque Nascentes do Belém — local onde nasce o rio — localizado no bairro Cachoeira, extremo-norte de Curitiba. A partir de explicações sobre o processo de formação de um rio, foi possível compreender que o rio não nasce poluído. Pelo contrário, sua nascente está inserida em uma área preservada, em um ambiente limpo e protegido.

Seguindo essa perspectiva, a expedição teve como um de seus pontos o Parque São Lourenço, localizado no bairro de mesmo nome, em uma área de classe alta de Curitiba. O espaço é amplo, com áreas verdes, estruturas de lazer e iniciativas de preservação ambiental. Nesse trecho, o Rio Belém se apresenta mais limpo e com maior volume de água. A partir do contato direto com o local e da mediação realizada, surgiram reflexões construídas pelos próprios estudantes, que perceberam que os bairros em que a especulação imobiliária é mais pródiga tendem a concentrar mais investimentos e, neste caso, mais cuidados com o meio ambiente.

O Passeio Público, ponto turístico localizado na região central da cidade, foi o próximo local visitado pela expedição. Nesse trecho, observa-se o início da canalização do rio. Dentro do parque, o Rio Belém se apresenta como um lago. Muitos frequentadores desconhecem que esse ponto concentra parte do rio, que segue canalizado por ruas movimentadas do Centro. Nesse momento, os alunos puderam perceber, de forma concreta, as transformações sofridas pelo rio ao longo de seu percurso, já que é o ponto onde começa a poluição.

A expedição seguiu até a Rua Conselheiro Raul Viana, no bairro Centro Cívico. Nesse local, o rio volta a aparecer de maneira mais explícita, correndo por um canal aberto. A água, visivelmente suja e poluída, contrasta com o entorno institucional, marcado pela presença de importantes órgãos públicos da cidade.

Como etapa final, o grupo retornou à Vila Torres, onde o Rio Belém se mostra novamente poluído, agora de forma ainda mais evidente. Nesse momento de encerramento, entre alunos, extensionistas e professores, foi possível retomar a questão

inicial da expedição e atribuir sentido à experiência: o rio nasce limpo, mas, ao longo de seu trajeto pela cidade, sofre impactos que resultam em sua contaminação.

Nesse contexto, a escuta ativa e a história oral se tornam valiosas ferramentas de documentação histórica e reconhecimento dos impactos dessa degradação do Rio Belém para os moradores da Vila Torres. A pergunta do estudante, que foi o motivador principal da criação da expedição, se apresenta como uma consequência de um histórico entre o rio e os moradores da Vila. “A memória não é um depósito exato, mas uma reconstrução do passado feita no presente” (Burke, 2000, p. 70).

O rio é um espaço que reflete aos moradores, uma idealização negativa do lugar em que vivem. Uma corrente de água que traz mau cheiro, lixo, sujeira e dejetos. Além disso, a população da Vila Torres frequentemente é associada a poluição do rio, mesmo que o trajeto pluvial atravessasse diversas partes de Curitiba com mais densidade demográfica. A dúvida desse estudante é um reflexo direto da memória oral conservada no local em que ele nasceu.

Bollmann e Edwiges (2008) apontam que a qualidade das águas do Rio Belém se deteriora progressivamente da nascente à foz, em razão do aporte de efluentes domésticos provenientes das áreas mais densamente ocupadas próximas ao centro de Curitiba. Mesmo que seja possível afirmar com embasamento factual que a Vila Torres não é a principal responsável pela poluição, essa idealização é conservada pela história oral. Portelli (1997) sustenta que a história oral revela, sobretudo, os significados construídos pelos sujeitos sobre os acontecimentos vividos, mais do que a mera reconstituição factual dos eventos.

Sendo assim, a partir da curiosidade do aluno, o papel dos extensionistas foi de desempenhar a escuta ativa, reconhecer esse contexto histórico marcado por preceitos e posteriormente, propor uma expedição que demonstrasse a situação do Rio Belém em sua totalidade — da foz à Vila Torres. Ao mesmo tempo, propôs-se colocar os alunos da Manoel Ribas como agentes protagonistas das percepções ao redor da iniciativa. A escuta ativa constitui uma dimensão metodológica essencial, pois possibilita a construção compartilhada da narrativa e a valorização dos sentidos atribuídos pelo sujeito à sua experiência (Menin, 2017; Alves, 2016).

UM OLHAR PARA O FUTURO

A visita à nascente do Rio Belém contribuiu para ampliar a compreensão dos estudantes sobre os impactos da falta de políticas públicas na Vila Torres, especialmente no que diz respeito às condições ambientais do território. Além disso, os alunos puderam conhecer parte do percurso do rio e refletir sobre as questões ambientais que envolvem todo o seu percurso. Thiago Rocha, um estudante do oitavo ano no colégio, escreveu um relato sobre a visita em uma atividade da escola: “Todos que moram perto do Rio Belém (inclusive eu) não sabem a incrível jornada do rio, onde nasce, onde termina, quantos quilômetros de extensão, profundidade, quando começa a ser ‘poluído’ e quando termina a ser ‘poluído’”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL. Minas Gerais, 2016.

MENIN, Assis Felipe. Por uma escuta sensível na história oral. **História Oral**, v. 20, n. 1, p. 241-244, 2017.

BOLLMANN, Harry Alberto; EDWIGES, Thiago. **Artigo Técnico da Avaliação da qualidade das águas do Rio Belém, com o emprego de indicadores quantitativos e perceptivos.**

SciELO Brasil, Curitiba, v. 13 n. 4, p. 443-452, out./nov. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/esa/a/yZSRg9CWPHxv6ZKFtgjRS8N/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 abr. 2026.

BURKE, Peter. História como memória social. In: BURKE, Peter. **Variedades de história cultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente.** Projeto História, São Paulo, n. 14, p. 25-40, fev. 1997.

SANTOS, Carla Cristina Guimarães Q. dos. **A importância de uma escuta ativa.** 2013. 111 f. Relatório de estágio (Mestrado em Educação Pré-Escolar) – Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Portugal, 2013. Disponível em:

https://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/1281/1/TM-ESEPF-PE_2013_TM-ESEPF-P E10.pdf. Acesso em: 11 abr. 2026.

SANTOS, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões.** SILVA, Elisiane da; NEVES, Gervásio Rodrigo; MARTINS, Liana Bach (org.). Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011.